



O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E SUA APROXIMAÇÃO DO MONOTEÍSMO

MURILO LOPES DA SILVA¹

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender a aproximação do fundamentalismo ao monoteísmo. O fundamentalismo surgiu como um resgate da tradição cristã em meio as transformações socioculturais. A modernidade oriunda do iluminismo provocou dentro dos fundamentalistas uma cisão que convergiu na formação de duas vertentes teológicas. Uma vertente de cunho liberal que se associou aos humanistas e as ciências sociais tornando-se uma teologia liberal. A outra vertente manteve-se atrelada ao conservadorismo e tradições da igreja primitiva. O fundamentalismo se perdeu ao encontrar com uma sociedade cíclica que avançava a passos largos. Isto provocou reações severas e críticas a sociedade moderna. Os avanços levaram ao surgimento de um pentecostalismo midiático que conduziu o fundamentalismo abancarrotado. Na primavera árabe a expansão do Islamismo trouxe à tona o fundamentalismo, porém em uma releitura extremista. Esse extremismo revelou ao mundo toda violência e perseguição de pessoas e nações que aconteciam como preservação da Moral e da defesa do nome de Deus.

Palavras-chave: Monoteísmo; fundamentalismo; religião.

ABSTRACT

This research seeks to understand the approximation of fundamentalism to monotheism. Fundamentalism emerged as a rescue of the Christian tradition in the midst of sociocultural transformations. The modernity arising from the Enlightenment caused a split among fundamentalists that converged in the formation of two theological trends. A liberal aspect that was associated with the humanists and the social sciences, becoming a liberal theology. The other trend remained linked to conservatism and traditions of the early church. Fundamentalism lost its way when it came across a cyclical society that was moving forward by leaps and bounds. This provoked severe and critical reactions to modern society. The advances led to the emergence of a media Pentecostalism that led fundamentalism to bankruptcy. In the Arab spring, the expansion of Islamism brought fundamentalism to the fore, but in an extremist way. This extremism revealed to the world all the violence and persecution of people and nations that took place as preservation of Moral and the defense of the name of God.

Keywords: Monotheism; fundamentalism; religion.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz à discussão o Fundamentalismo Religioso e sua associação ao monoteísmo. O monoteísmo é a base religiosa do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo e isso favoreceu a instalação político-religiosa dos fundamentalistas.

As três religiões monoteístas do ocidente têm algumas similitudes oriundas de sua base religiosa como o Pentateuco, a obediência aos Mandamentos revelados, a peregrinação e a fé como ascese e transcendência.

Essas similitudes são símbolos e exercícios de prática de vida religiosa. Por exemplo, os Mandamentos orientam a vivência moral, a peregrinação faz memória da luta por alimento e liberdade, a fé orienta os adeptos a crer em Deus como Ser incriado e o Pentateuco narra a criação do mundo e traz exemplos de histórias humanas que encontraram em Deus a prática do amor, da bondade, da compaixão, da justiça, da equidade e da retidão.

1

A leitura das Sagradas Escrituras ensina a humanidade a lapidar o caráter, buscar em Deus a retidão e a prática dos Mandamentos são exercícios de virtudes que conectam a Deus.

O monoteísmo representa a força de perdurar a temporalidade, pois se adaptou ao ato do Período Histórico. Provavelmente tenha surgido no Período do Bronze por volta do ano de 1800 a.C. Porém, ao adentrar ao século XX, um acontecimento marcou fortes mudanças na construção sociocultural. Parafraseando Nietzsche, o monoteísmo recebeu nesse período um hóspede funesto que se apropriou

¹Doutorando em Teologia pelo Institute Theology Science Florida-USA



de toda virtude para se consolidar como um grupo tradicionalista, intitulados de Fundamentalistas.

O surgimento do Fundamentalismo Religioso se deu nos Estados Unidos entre os cristãos protestantes no início do século XX. Esse período foi marcado por diversas mudanças socioculturais e econômicas. A ciência estava em plena expansão, acontecia o processo de modernização e industrialização resultante do Iluminismo.

Alguns membros mais tradicionais do cristianismo tiveram dificuldades em aceitar o avanço da sociedade moderna e em decorrência a luta para retroceder a base da igreja nascente, esses adeptos causaram uma fenda na base teológica do monoteísmo, dividindo-o em duas vertentes.

Uma vertente chamada de liberal, assumiu o diálogo humanista que embasouas mudanças teológicas a partir da aproximação com as ciências humanas e sociais, abrindo a uma nova teologia liberal. A outra vertente, extremamente conservadora, reagiu às transformaçõessociais e buscou um retorno ao tradicionalismoreligioso.

Em decorrência da cisão, o conservador calvinista Reverendo Reuben Archer Torrey lançou entre os anos de 1910 a 1915 uma coletânea de 12 livros intitulada *The fundamentals: a testimony to the truth*. Essa coletânea tinha como escopo a preservação do tradicionalismo religioso, conservando os textos bíblicos com defesa de sua inerrância. Junto a esses textos, manifesta uma crítica contra a teologia liberal e ao Catolicismo Romano.

Os “fundamentos” apresentados pelo Reverendo Reuben se consolidaram como uma reação aos valores da modernidade iluminista e humanista, colocando o Cristianismo no centro da discussão. Ao reagir contra os valores da modernidade abriu o processo de secularização como consequência da retaliação feita.

Essa semente chamada Fundamentalismo, semeado pelo Reverendo Reuben, germinou e produziu diversos problemas à sociedade vigente.

O FUNDAMENTALISMO NORTE-AMERICANO

O Fundamentalismo oriundo da partilha dos pensamentos exauridos da Coletânea do reverendo Reuben, traziam de forma implícita traços da cultura norte-americana. O domínio cultural norte-americano refletiu dentro do âmbito religioso cristão como sendo os verdadeiros adeptos que mantiveram o tradicionalismo do cristianismo.

Essa ideia de verdadeiros continuadores de Cristo se manteve dentro de todas as denominações evangélicas até o ano de 1930, com militantes atuantes e conservadores. Vale ressaltar que os Católicos Romanos não participaram dessa primeira fase do Fundamentalismo Evangélico.

Após a década de 1930 e em paralelo ao período da Segunda Guerra Mundial, houve uma perda significativa de evangélicos tradicionalista para o Movimento Ecumênico que buscava a unidade na diversidade.

No período do Pós-Guerra, por volta dos anos de 1960, os fundamentalistas passaram a ser chamados de “separatistas” e começaram a se desvincular das igrejas conservadoras se associando ao movimento pentecostal. Esse período aconteceu também a expansão do capitalismo estadunidense que se tornou o novo escopo debatido por poucos fundamentalistas que se mantiveram ativos.

Agora a batalha é em reconquistar a América, preservar as famílias pelos valores cristão, pois na expansão o humanismo secular adentrou a América apresentando as famílias algumas correntes ideológicas. Entre essas correntes estavam o comunismo, o feminismo e o homossexualismo.

Essas correntes ideológicas disseminaram de forma muito rápida entre os estadunidenses, além da disseminação ideológica o Governo Norte-Americano declarou Guerra contra o Vietnã. Foi um período em que o fundamentalismo veio à bancarrota. Alguns teólogos mais conservadores se alinharam a política patriota e imbuíram discursos de anticomunismo.

Até o final da Guerra do Vietnã em 1975 os evangélicos mais conservadores perderam completamente a sua força na luta de manter vivo os costumes e os princípios do cristianismo nascente, cedendo espaço ao pentecostalismo. Os teólogos liberais se alinharam a corrente marxista e expandiram em toda a América uma nova teologia que favorecia a luta popular em favor de uma política justa, de moradia e da erradicação da fome.

O FUNDAMENTALISMO APÓS A GUERRA DO VIETNÃ

No final da década de 1970 o fundamentalismo norte-americano estava completamente desestruturado e o pentecostalismo havia ganhado força e adeptos na expansão comercial estadunidense. Paralelo a este acontecimento iniciava a popularização do Islamismo no Mundo Árabe, principalmente no Irã.

Em alguns países árabe, militantes que lutavam contra a hegemonia dos Estados Unidos tornaram uma parte do Islã a justificativa para garantir a divinização de uma luta armada.

No alvorecer do século 21 é retomado pela imprensa norte-americana o nome fundamentalista para caracterizar os extremistas islâmicos que cometeram o ataque de 11 de setembro de 2001. O ataque as Torres Gêmeas foram classificadas como uma das ações mais violentas praticadas por extremistas radicais islâmicos.

Esse ato praticado pelos extremistas criou uma imagem negativa sobre o Islamismo e a mídia o caracterizou como fundamentalistas, radicais, praticantes de intolerância e de uma religiosidade autoritária. O Islã, em decorrência de grupos extremistas como o Hezbollah, o Estado Islâmico e Governos islâmicos como o Afeganistão, construíram uma religião adaptada em um monoteísmo extremamente conservador que se abre ao fanatismo, a intransigência, ao feminicídio, a recusa de diálogo inter-religioso e a negação da transformação de costumes e moral da sociedade vigente.

Os novos fundamentalistas que surgiram da primavera árabe são políticos reguladores da sociedade. Controlam as leis, matam em nome da moral e negociam as riquezas naturais como o petróleo. Expressam uma religiosidade extremamente machista e não aceitam entre eles as pessoas que se identificam com o movimento LGBTQIA+.

A retomada do fundamentalismo norte-americano

O fundamentalismo norte-americano retornou à ativa por volta da metade da década de 1980 aliando-se ao Partido Republicano, formando um grupo de pressão política intitulado de Nova Direita Cristã.

Era liderado pelo pastor batista Jerry Falwell e tinham como propósito a luta contra o aborto (legalizado nos Estados Unidos em 1973) e a retomada da construção familiar baseada no conservadorismo religioso.

Falwell percebeu a possibilidade de conseguir mais adeptos utilizando de um marketing massivo utilizando as emissoras de televisão. Rapidamente houve a ascensão da Nova Direita Cristã e do pentecostalismo. A expansão da ideologia de Falwell ultrapassou fronteiras ganhando novos seguidores que almejavam a reorganização moral da sociedade.

Na pauta do discurso político-religioso de Falwell estavam a retomada do ensino do criacionismo nas escolas públicas, a prática da oração, o combate ao homossexualismo, ao comunismo e a obrigatoriedade do patriotismo.

A expansão midiática desse novo fundamentalismo cristão fez surgir uma nova ressignificação e o termo fundamentalismo ampliou a sua utilização. O termo se tornou um marco da disseminação do retorno do pensamento em alegorias e epopeias, a volta de guerras colossais e inimigos da fé.

Havia uma propaganda maçante do idealismo fundamentalista que defendiam a infalibilidade das escrituras e a ampliação do proselitismo religioso.

O ápice da Nova Direita Cristã foi na década de 1990 com a vitória dos Republicanos a Presidência dos Estados Unidos. Elegeram Ronald Reagan, George Bush. Com a saída de Bush não perderam a motivação de perdurar o fundamentalismo religioso regado pela moral e bons costumes. Na virada do milênio voltaram novamente ao cargo mais alto da nação americana elegendo George Bush Filho.

A perversidade do fundamentalismo

Parece que com o fim da Segunda Guerra Mundial pairou no ar um sentimento de continuar a propagação do mal da dor alheia.

Esse sentimento é narrado pela filósofa Hannah Arendt em seu livro *Eichmann em Jerusalém*. Nessa coletânea de seus artigos ela narra o sentimento da banalidade do mal quando não foi atribuído a Eichmann culpa pelo holocausto. Ele se caracterizou apenas como um burocrata que cumpria ordem. A verdadeira culpa apresentada em seu julgamento seria única e exclusivamente do partido nazista.



Nessa perspectiva suje uma dúvida: quem legitima as barbáries produzidas pelo extremismo religioso?

Todo extremismo religioso é justificado em Deus, pois em cada ato praticado sempre foi motivado pelo desejo de que todos voltassem seu respeito para o Deus supremo e criador.

O fundamentalismo religioso nasceu de um anseio de manter vivo o respeito a Deus e a continuação da família, porém, ultrapassou os limites do que é moral e tornou-se uma matriz de propagação do mal da perversidade.

Dos grupos que tomam o fundamentalismo (extremismo) como justificativa de seus atos (Hezbollah, Estado Islâmico) perde-se a possibilidade de caracterizá-los como grupos religiosos ou políticos. Qual é a causa que defendem? Como propagam a misericórdia de Deus aos mais necessitados? É legítimo matar em nome de Deus?

Essas dúvidas clarificam a ideologia propagada por esses grupos. Persuadem a sociedade a fim de estabelecer novas fronteiras e lutam contra os pseudos-inimigos. E como grupo político, são completamente separatistas e negam a possibilidade de construir um diálogo democrático e acolhedor.

Assim, se caracterizam como perversos porque sentem prazer em empregar a força e a violência aos mais fracos. Há nesse emprego de força e de violência a desnaturalização daquilo que é sagrado, a preservação da vida.

CONCLUSÃO

Nosso tempo é rico de informações. Temos a nosso favor uma tecnologia que possibilita o encurtamento de distância com tantas plataformas e redes sociais.

Somos capazes de enviar mensagem de um hemisfério a outro em questão de segundos.

Derrubamos barreiras de distâncias, de compreensão de outro idioma. Criamos laços de multiculturalismo.

O mundo está globalizado, ou melhor, a tecnologia está globalizada, porque o ser humano ainda não foi capaz de derrubar suas crenças e conceitos em prol da ampliação da vida.

Prova disto é a falta de diálogo inter-religioso. Não há a convivência pacífica de determinados grupos religiosos, principalmente quando o assunto em pauta é a aceitação da modernização dos costumes do novo modelo de família.

Esses grupos extremistas estão inseridos dentro das três religiões monoteístas do ocidente (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). São intolerantes, disseminadores de violência contra grupos religiosos e sociais. Justificam suas ações na defesa do bom costume e, sobretudo, em defesa de Deus.

Ao longo da história do monoteísmo muitas guerras aconteceram em nome de Deus como o período da inquisição imposta pelo Cristianismo. Mas no século XX iniciou um período de guerras religiosas que tem em sua essência a prática da perversidade, ou seja, a prática do prazer provocado pela dor alheia. O século XX presenciou a perversidade e o mal praticado no holocausto e o século XXI no ataque de 11 de setembro de 2001.

O fundamentalismo nascido no século XX se caracteriza em nosso tempo como ações políticas que tem como escopo a dominação. Se disfarça de luta religiosa para que os praticantes possam se desvencilharem de toda culpa transferindo-a para Deus. A nova matriz política-religiosa desnaturalizou as tentativas de alianças que Deus buscava construir com a humanidade. Há um afastamento de Deus e uma aproximação do que é inerente ao humano, o desejo de poder. No início Adão desobedeceu a Deus e experimentou o fruto do conhecimento. Hoje a humanidade descarta o conhecimento, se afasta de Deus e experimenta o fruto da dor alheia.

Os mais extremistas em defesa da fé declaram que seus inimigos são todos aqueles que comungam da modernidade. Os inimigos mais combatidos são aqueles que se alinham com movimento sociais, ativistas, intelectuais, professores, lideranças e religiões que promovam a vida na sociedade vigente.

Desta forma, o monoteísmo abraâmico que propagou o homem como a imagem e semelhança de Deus se tornou o alicerce do fundamentalismo religioso iniciado no final do século XIX. Mas não se pode condenar o monoteísmo, pois a ideologia fundamentalista apenas o utilizou como justificativa. Toda perversidade do século XX se constituiu como uma doutrina e não como um dogma religioso. Deus ainda busca morada no coração humano.



REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen; FEIST, Hildegard. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. 2ed.São Paulo: Schwarcz,2021.

EDITORA, PAULUS. **Bíblia de Jerusalém**.13ed.SãoPaulo: Paulus,2019.

GAARDER, Jostein; NOTAKER, Henry; HELLERN, Victor. **O livro das religiões**. 9 ed. São Paulo: Schwarcz, 2001.

IBARRONDO, Xabier Pikaza. **Monoteísmo e globalização**. Tradução Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2004.Tradução de: Monoteísmo y globalización.